

O suicídio como tema de investigação na clínica psicológica: um relato sobre as experiências de clinicar e escrever

Suicide as research subject in the psychological clinic: a report on the clinical and writing experiences

Autor

Guilherme da Silva Sant'Anna. Graduando em Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Bolsista de extensão no Laboratório de estudos em fenomenologia e clínica existencial
E-mail: guilherme1995rj@gmail.com

DOI: 10.12957/interag.2017.32499

Relato

Resumo

Este texto trata do percurso da pesquisa intitulada "Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de decidir pôr fim à vida", desenvolvida no projeto de extensão Laboratório de estudos em fenomenologia e clínica existencial, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Investigamos o tema do suicídio, para prepararmos a implantação de um núcleo de atendimento clínico às pessoas que procuravam ajuda por pensarem em se matar. Tal preparação consistiu em um contínuo esforço de afastamento aos preconceitos com relação ao suicídio. Percebemos, após o início do núcleo, o caráter existencial da decisão de findar a própria vida, bem como a relevância da disponibilidade de um espaço clínico para aqueles que solicitam assistência. Tratamos, além da

Abstract

This paper deals with the course of the research entitled "For a nucleus of clinical care for people at risk of suicide: a phenomenological analysis of the decision to end life", developed in the extension project Laboratory of studies in phenomenology and existential clinic, at University of the State of Rio de Janeiro. We investigated the subject of suicide, in order to prepare a nucleus of care for those who sought help for thinking about killing themselves. This preparation consisted of a continuous effort to distance oneself from prejudices regarding suicide. We perceived, after the beginning of the nucleus, the existential character of the decision of ending one's life, as well as the relevance of the availability of a clinical space for those who request assistance. This paper deals, moreover, with the matter

lida com o tema do suicídio na clínica, do processo de confecção de um livro dessa temática. Por fim, é feita uma discussão acerca da importância das experiências clínicas e de escrita para a formação profissional em psicologia.

of suicide in the clinic and in the process of writing a book. Finally, a discussion is proposed about the importance of clinical and writing experiences for professional preparation in psychology.

Palavras-chave: *Suicídio; Núcleo de atendimento clínico; Psicologia clínica; Escrita.*

Keywords: *Suicide; Clinical care nucleus; Clinical psychology; Writing.*

Área temática: *Saúde*

Linha de extensão: *Saúde humana, Educação profissional*

Introdução

A arquitetura do pavilhão João Lyra Filho, edifício que abriga diversos cursos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é frequentemente associada à ocorrência de suicídios no local. O prédio alto, monolítico e cinzento contém rampas e sacadas nas quais algumas pessoas já deram fim às suas vidas. Entretanto, podemos perder de vista o que acontece com aqueles que pensam em se matar ao considerarmos a questão resolvida com essa ou quaisquer outras associações simplistas.¹ Sendo assim, buscamos aprofundarmo-nos no tema, de modo a estarmos preparados para iniciarmos um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio (NAC) no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UERJ, oferecendo atendimento àqueles que buscam ajuda por pensarem em se matar.² Lidamos com vidas individuais ao pesquisarmos sobre suicídio, mas, tão importante quanto e num sentido figurado, com a vida de uma universidade que vem passando por um momento crítico na ocasião de redação deste texto. Nossa pesquisa resultou na publicação do livro “Suicídio entre o morrer e o viver”, obra que apresenta a reflexão proposta aqui, neste primeiro parágrafo, e muitas outras.³

Este trabalho pretende relatar o percurso da pesquisa empreendida sobre suicídio no Laboratório de Estudos em Fenomenologia e Clínica Existencial (LAFEPE), com destaque para as experiências de atender pessoas indecisas e a de escrever um capítulo de livro. Essas experiências, como apresentar-se-á mais adiante, podem ter certa aproximação e se mostraram importantes não só no sentido da produção de conhecimento, mas também no da formação de psicólogo e para os atendidos no NAC.

A trajetória da pesquisa

O primeiro movimento, num estudo de perspectiva fenomenológica, é o de afastamento das pré-concepções acerca do fenômeno, ou seja, o questionamento das ideias usuais sobre o tema em destaque. Coube a cada integrante do grupo o empenho em estudar um tema específico relacionado ao projeto de pesquisa “Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio: uma análise fenomenológica do ato de decidir pôr fim à vida”, escrito por Ana Maria Feijoo², a orientadora do LAFEPE, com o objetivo de conquistarmos uma posição de maior liberdade frente às determinações prévias ao fenômeno.

Esse inclinar-se sobre o tema fez parte da nossa preparação, a qual foi, em verdade, mais análoga a um desentulhar de escombros do que uma construção de um edifício. A utilização desatenta de concepções prévias ao fenômeno, tais como a de valorização da vida a qualquer preço, a associação supostamente necessária entre suicídio e patologias e sofrimento, as conotações morais em torno do tema, a prevenção num sentido antecipatório e tutelar, entre outras, afastava-nos da compreensão daqueles que iríamos atender. Por outro lado, a literatura de romances, contos e poemas, serviu-nos de inspiração ao retratar de maneira próxima as experiências dos que cogitaram tirar a própria vida ou efetivaram o ato, em distinção aos discursos científicos ou do senso comum, os quais frequentemente estavam vinculados aos pressupostos já comentados aqui.

As reflexões despontadas se mostraram profundas, sendo compartilhadas em congressos, mostras de extensão, rodas de conversa e videoconferências. Participamos de discussões profícuas, elogiadas pelos assistentes como inovadoras. Apesar de não garantirmos esse caráter inovador, reconhecemos o fato de que as noções divulgadas por nós arejam o exercício de compreensão do tema, tão asfiziado pelas explicações causais e julgamentos morais. Tratamos de demonstrar que, ao circunscrevermos a existência de alguém a fatores de risco e sintomas, mais nos afastamos da experiência dessa pessoa do que a compreendemos.

Iniciamos os atendimentos ao mesmo tempo em que elaborávamos os capítulos que viriam a compor o livro da pesquisa. A preparação efetuada ensejou a aposta numa atuação clínica que resguardasse a possibilidade de transformação dos clientes. Essa proposta, a de acompanharmos a experiência de outrem sabendo-nos ignorantes da mesma, difere do encaminhamento usual da questão do suicídio, o qual se realiza baseado em pré-concepções. Ouvindo como quem o faz pela primeira vez, num dessaber atento que oportuniza o surgimento de outras configurações de existência, pudemos experimentar a potência proveniente da fragilidade da relação clínica ao acompanharmos os percursos das pessoas atendidas.

Atendemos, até o momento de redação deste texto, 23 pessoas que demandaram atendimento no SPA. Não faz sentido, na perspectiva na qual nos apoiamos, versarmos em termos de eficiência dos atendimentos, uma vez que não vinculamos as ideias de sucesso ou fracasso à continuidade ou término da vida por parte dos atendidos. Entretanto, é relevante afirmar o fato de não termos sido notificados de alguém que tenha sido atendido e tenha posto fim à vida.

Nos atendimentos e supervisões, o tema do suicídio foi intermitente. Alguns analisando, que a princípio falavam sobre suicídio, cessaram de mencioná-lo; outros retomaram o tema amiúde. Recordamo-nos do alerta feito por Machado de Assis, um dos autores influentes na pesquisa, de que o suicídio depende mais da disposição do momento, que da gravidade de um mal.⁴ Apareceu-nos o caráter existencial da decisão de findar a vida, articulado às questões trazidas pelas pessoas, ora em destaque, ora retraído. Percebemos, ademais, que os sentidos presentes nas falas dos analisando têm a ver com a nossa época – uma vez que os motivos para cogitar suicídio são questões do nosso horizonte histórico. Cabe a nós, psicólogos, estarmos atentos a essas características de nosso mundo, tais como a produtividade exacerbada, a evitação do sofrimento, o consumo e o descarte desenfreados, para podermos ter liberdade para com elas e sustentarmos um espaço de questionamento.

Ao versarmos sobre potência da relação clínica, referimo-nos à crença de que alguma transformação possa se dar para aquele que chega indeciso. Considerando que transformações ocorrem também fora do espaço clínico, cabe ressaltar a particularidade da clínica desempenhada por nós: por se caracterizar em uma relação não tutelar, uma relação que devolve ao outro a liberdade que já sempre lhe pertence, ela se diferencia dos acontecimentos cotidianos. No dia a dia, por outro lado, a escuta àquele que sofre por pensar em findar a própria vida costuma ser impaciente, rapidamente acompanhada de respostas, conselhos e julgamentos. Na clínica, justamente por não sabermos os caminhos a tomar, não nos cabe aponta-los ou, quando são trazidos pelos analisando, endossá-los. Por isso, posicionamo-nos junto ao outro em aguardo, esperando que outras possibilidades apareçam ou não.

Ao fim da pesquisa, publicamos um livro composto por capítulos redigidos pelos componentes do grupo, com o intuito de compartilharmos nossas reflexões e experiências com os demais. Além do compartilhamento de ideias, deparei-me com outro fruto da atividade da escrita, bem como com um da clínica. Trataremos, a seguir, dessas decorrências.

Escrever e clinicar: o que têm a ver?

Pessoalmente, posso ratificar a dificuldade e o vigor de lidar com o tema do suicídio do modo no qual nos propomos aqui não só na clínica psicológica, mas também na escrita. Torna-se difícil sustentar uma posição de des saber, de negatividade, num mundo marcado pela proliferação de saberes técnicos.⁵

De modo oportuno, as experiências de escrever e clinicar foram simultâneas durante a pesquisa, isto é, escrevi um capítulo para o livro do nosso grupo ao mesmo tempo em que atendia situações clínicas. Descobri em ambas as atividades o potencial de apropriação de um modo de pensar singular muito refreado cotidianamente, um pensar demorado, disposto a contestar-se a si mesmo e a colocar entre parênteses conclusões apressadas. Arrisco-me a assinalar semelhanças entre as disposições que propiciam a escrita e a atuação clínica – atenção, meditação, leituras e releituras – são convenientes tanto para a confecção de um texto quanto para a participação em uma relação clínica.

Ainda sim, atrevo-me a dizer que essas atividades são marcadas, quando bem realizadas, pelo movimento de deixar-se conduzir pelo desconhecido. Descobre-se a escrita no ato de escrever, assim como a relação clínica ocorre no exercício de clinicar. Assim, escrever e atuar clinicamente tem mais a ver com arte do que com aplicação de técnicas, assemelham-se mais a uma criação do que a uma reprodução.

Considero, graças a essas atividades, ter aprendido a notar nuances de palavras e a ser mais cuidadoso na escolha das mesmas, ademais de me dar conta de meus modos de expressão e dos meus analisandos. Além disso, como já foi dito, acerquei-me de outro modo de pensar. Esse conhecimento, construído a cada vez no exercício da clínica e da escrita, provavelmente é um dos mais importantes na minha formação acadêmica, visto ser pertinente à profissão de psicólogo a habilidade com a linguagem e o pensamento compreensivo.

Aproximações entre um relato de experiência de um estudante e o relatar na clínica psicológica

Uma breve consideração sobre o tipo textual deste escrito, um relato de experiência, faz-se interessante. Ouvimos, na clínica psicológica, relatos das mais diversas experiências. Equivoca-se quem pensa que estes últimos consistem em meras repetições de acontecimentos objetivamente determinados. Se assim fosse, algo como uma clínica psicológica não faria sentido, pois seria apenas um espaço de simples reproduções. Por outro lado, se encaramos o próprio relatar como uma experiência, o entendimento é outro _ a experiência de relatar pode propiciar outras compreensões sobre temas difíceis _ os quais, por vezes, levam alguém à clínica. Nesses termos, o relatar participa da construção (ou reconstrução) daquilo que é relatado.

Assim, encontramos um paralelo entre a escrita e a clínica: ao escrever sobre suicídio, pude me aproximar do tema de maneira diversa à que estava habituado. E mais, ao relatar a experiência vivida na pesquisa, neste texto, aproprio-me dessa experiência e ela me aparece de outra forma; semelhantemente, alguém que relata suas questões na clínica, pode experimentar outros modos de lidar com as mesmas, modos esses quiçá mais livres e menos sofridos.

Considerações finais

A importância do NAC se revela, primeiro, por ser um espaço de acolhimento em que a questão da indecisão sobre suicídio ou quaisquer outras questões podem ser expostas e meditadas, sendo abordadas com paciência. Segundo, pelo que representa no atual contexto crítico da UERJ, isto é, por ser um lugar em que uma ação de extensão ganha materialidade e dá retornos à população, fortalecendo a instituição. Terceiro, por produzir conhecimento capaz de gerar reflexão crítica nos já graduados, possibilitando, portanto, mudanças em suas práticas. Por fim, o NAC se mostra notável por proporcionar a estudantes de graduação, assim como eu, a oportunidade de aperfeiçoamento através

da atuação clínica e da escrita, participando vigorosamente da formação de profissionais mais bem preparados para seus ofícios.

Referências

1. SILVA, V. P. Um projeto de uma outra compreensão acerca do suicídio. In: FEIJOO, A. M. L. C. D. **Suicídio entre o morrer e o viver**: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2018. p. 7-16.
2. FEIJOO, A. M. L. C. D. Por Um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/site/producoes-academicas/projetos/197-projeto-de-pesquisa-bolsa-productividade-cnpq>>. Acesso em: 10 janeiro 2018.
3. FEIJOO, A. M. L. C. D. **Suicídio entre o morrer e o viver**: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade. Rio de Janeiro: IFEN, 2018.
4. ASSIS, M. D. To be or not to be. **Jornal das Famílias**, Rio de Janeiro, 1876. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000141.pdf> Acesso em: 17 de janeiro de 2018.
5. HAN, B.-C. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.